

O Trono dos Crânios

PETER
V. BRETT

Livro Quatro do Ciclo dos Demónios

1001
MUNDOS

INDICE

Prólogo: Nenhum Vencedor	11
Capítulo 1: A Caçada	25
Capítulo 2: Vácuo	38
Capítulo 3: Ashia.....	61
Capítulo 4: Sangue Sharum	73
Capítulo 5: Kajivah	105
Capítulo 6: Um Homem Não é Nada.....	131
Capítulo 7: Mais Arrojo que Cabeça	146
Capítulo 8: O Verdadeiro Guerreiro	176
Capítulo 9: Anoch Sun	190
Capítulo 10: A Revolta Chin.....	219
Capítulo 11: Doca.....	244
Capítulo 12: Encher o Outeiro.....	273
Capítulo 13: Carne Nefasta	319

Capítulo 14: O Prisioneiro	332
Capítulo 15: As Crianças Guardadas	335
Capítulo 16: Herdeiro do Demónio.....	357
Capítulo 17: Tom-Dourado	381
Capítulo 18: Um Sussurro da Noite.....	401
Capítulo 19: Política do Chá.....	431
Capítulo 20: Rivalidade Entre Irmãos.....	467
Capítulo 21: A Herbanária Daninha	484
Capítulo 22: Baile de Debutantes.....	509
Capítulo 23: Inquisição.....	534
Capítulo 24: Briar	572
Capítulo 25: O Espião	589
Capítulo 26: Primeiro Ataque	608
Capítulo 27: Dama na Escuridão	626
Capítulo 28: Shar'dama.....	650
Capítulo 29: O Dama Gorja.....	658
Capítulo 30: A Guarda da Princesa	673
Capítulo 31: Assobiador.....	699
Capítulo 32: A Noite dos <i>Hora</i>	706
Capítulo 33: Uma Voz na Escuridão.....	732
Dicionário de Krasiano.....	741
Agradecimentos	751



PRÓLOGO

NENHUM VENCEDOR

333 DR Outono

– Não! – Inevera estendeu-se para o vazio enquanto o Par'chin se lançava a si próprio e ao seu marido do alto do penhasco.

Levando com eles toda a esperança da humanidade.

Do lado oposto do círculo que rodeara o combate, Leesha Papel gritou de forma semelhante. As leis rigorosas que regiam o ritual do Domin Sharum foram esquecidas, com testemunhas de ambos os lados correndo para o penhasco, aglomerando-se para espreitar a escuridão que engolira os combatentes.

Com a luz de Everam, Inevera conseguia ver de forma tão clara como no dia mais soalheiro, com o mundo iluminado pelo brilho da magia. Mas a magia era atraída pela vida e pouco havia em baixo além de rocha e terra frias. Os dois homens, que brilhavam intensamente como o sol momentos antes, tinham desaparecido na luminescência baça da magia ambiente que ascendia à superfície.

Inevera torceu o brinco. O hora no interior ligou-se ao seu irmão na orelha do marido, mas não ouviu nada. Poderia estar fora do seu alcance ou poderia ter-se partido na queda.

Ou poderia não haver nada para ouvir. Suprimiu um arrepio enquanto um vento frio da montanha soprava sobre ela.

Olhou os outros reunidos diante do abismo, lendo as suas expressões e procurando um indício de traição, um sinal de que um deles

teria sabido que aquilo aconteceria. Interpretou também a magia que deles emanava. O diadema de moedas de electrum guardadas que trazia não lhe permitia ler mentes da forma fluida permitida ao seu marido pela Coroa de Kaji, mas tornava-se cada vez mais hábil na leitura de emoções. O choque era claro por todo o grupo. Havia variações de uns para outros, mas nenhum deles esperara aquele desfecho.

Até Abban, o mentiroso arrogante, sempre a esconder alguma coisa, parecia horrorizado. Sempre fora um rival de Inevera, tentando cada um deles anular os estratagemas do outro, mas amava Ahmann tanto quanto era possível a um khaffit sem honra e, se este estivesse morto, perderia mais do que muitos outros.

Deveria ter envenenado o chá do Par'chin, pensou Inevera, recordando a expressão inocente na sua face na noite em que voltou do deserto com a Lança de Kaji. «Poderia tê-lo picado com uma agulha mergulhada em veneno. Ou libertado uma víbora entre as suas almofadas enquanto dormitava antes da alagai'sharak. Poderia mesmo ter alegado uma ofensa, matando-o com as minhas próprias mãos. Qualquer coisa menos deixar que fosse Ahmann a fazê-lo. O seu coração era demasiado fiel para homicídio e traição, mesmo quando o destino de Ala estava em jogo.»

Era. Usava já o verbo no passado, mesmo que tivesse desaparecido segundos antes.

– Teremos de os encontrar. – A voz de Jayan parecia soar a quilómetros de distância, apesar de o seu filho mais velho se erguer a seu lado.

– Sim – concordou Inevera, sentindo ainda a cabeça às voltas. – Mas será difícil na escuridão. – Os gritos dos demónios do vento começavam já a ecoar no alto, juntamente com o rugido grave dos demónios da rocha montanhosos. – Lançarei os hora para que nos guiem.

– Nucleados sejam – disse a Jiwah Ka do Par'chin, afastando Rojer e Gared do seu caminho enquanto se deitava de bruços no chão e movia as pernas sobre o abismo.

– Renna! – Leesha tentou agarrar-lhe o pulso, mas Renna foi demasiado rápida, afastando-se rapidamente do seu alcance. O brilho da magia da jovem era intenso. Não tão intenso como o do Par'chin, mas mais intenso do que qualquer outro que tivesse visto. Os seus dedos das mãos e dos pés cravaram-se na parede rochosa

como as garras de um demónio, fraturando-a para conseguir apoiar-se melhor.

Inevera voltou-se para Shanjat.

– Segue-a. Marca o caminho.

De forma louvável, Shanjat não demonstrou qualquer indício do medo que lhe permeava a aura enquanto olhava o penhasco.

– Sim, Damajah. – Bateu com um punho no peito e pendurou a lança e o escudo às costas, deitando-se de bruços e passando além do penhasco, descendo com cautela.

Inevera pensou se a tarefa estaria acima das suas capacidades. Shanjat era tão forte como qualquer homem, mas não matara nenhum demónio naquela noite e não tinha a força sobre-humana que permitia a Renna am’Fardos cravar os dedos na rocha enquanto descia.

O kai’Sharum surpreendeu-a e talvez se tenha surpreendido a si mesmo, usando como apoios grande parte das fissuras abertas pela esposa do Par’chin. Não tardou a desaparecer também na escuridão.

– Se vais lançar os ossos, fá-lo agora para podermos começar a busca – disse Leesha Papel.

Inevera olhou a pega hortelã, contendo o rosnado que ameaçava a sua expressão serena. Claro que queria ver Inevera lançar os dados. Sem dúvida, estaria desesperada para aprender as guardas de profecia. Como se não lhe tivesse já roubado o suficiente.

Nenhum dos outros sabia, mas os dados tinham-lhe dito que Leesha trazia um filho de Ahmann no ventre, ameaçando tudo o que Inevera construía. Lutou contra o impulso de desembainhar a faca e expor a criança aos elementos ali mesmo, pondo fim aos problemas antes de começarem. Não conseguiriam impedi-la. Os hortelões eram formidáveis, mas não estavam à altura dos seus filhos e de dois Damaji mestres de sharusahk.

Inspirou, encontrando o seu centro. Inevera queria descarregar sobre a mulher toda a sua raiva e medo, mas não era Leesha Papel a responsável pelo facto de os homens serem tolos orgulhosos. Sem dúvida teria tentado dissuadir o Par’chin de lançar aquele desafio, tanto como Inevera tentara dissuadir Ahmann de o aceitar.

Talvez o duelo tivesse sido inevitável. Talvez Ala não conseguisse suportar dois Libertadores. Naquele momento, não havia Libertador algum. E isso era muito pior.

Sem Ahmann, a aliança krasiana desmoronar-se-ia e os Damaji voltariam a ser senhores da guerra quezilentos. Matariam os damas filhos de Ahmann, voltar-se-iam uns contra os outros e mandariam para o abismo a Sharak Ka.

Inevera olhou para Damaji Aleverak dos Majah, que revelara ser o maior obstáculo à ascensão de Ahmann e um dos seus mais valiosos conselheiros. A sua lealdade ao Shar'Dama Ka não podia ser questionada, mas isso não o impediria de matar Maji, o filho Majah de Ahmann, para que nunca se sobrepusesse a Aleveran, o seu filho.

Um herdeiro talvez conseguisse, mesmo assim, unir as tribos, mas quem seria? Nenhum dos seus filhos estava à altura da tarefa, segundo diziam os dados, mas não o veriam da mesma forma e não devolveriam o poder interino que lhes fosse concedido. Jayan e Asume sempre tinham sido rivais e teriam ambos aliados poderosos. Se os Damaji não dividissem o povo, os seus filhos fá-lo-iam.

Inevera avançou em silêncio para o centro do círculo, onde os dois aspirantes a Libertadores se tinham enfrentado momentos antes. Os dois homens tinham sangrado no chão e ajoelhou-se, pressionando as mãos sobre o local onde o sangue caíra, molhando-as, pegando nos dados e sacudindo-os. Os krasianos formaram um círculo à sua frente, mantendo os hortelões à distância.

Talhados dos ossos de um príncipe demoníaco e revestidos com electrum, os dados de Inevera eram os mais poderosos que alguma dama'ting alguma vez tivera desde os tempos da primeira Damajah. Palpitavam com poder, brilhando ferozmente na escuridão. Lançou-os e as guardas de previsão iluminaram-se, fazendo os dados parar da forma sobrenatural que lhes era característica, formando um padrão de símbolos que conseguia ler. Não teria feito qualquer sentido para a maior parte das pessoas. Mesmo as dama'ting discutiam as interpretações de um lançamento e Inevera conseguia ler os símbolos tão facilmente como se fossem palavras num pergaminho. Tinham-na guiado ao longo de décadas de tumulto e revolta, mas, como acontecia frequentemente, a resposta que lhe davam era vaga e pouco a aliviava.

Não há nenhum vencedor.

Que significava? A queda tê-los-ia matado aos dois? O duelo prosseguiria em baixo? Mil perguntas passaram-lhe pela cabeça e

voltou a lançar os dados, mas o padrão resultante não mudara, como sabia que aconteceria.

– E então? – perguntou a pega nortenha. – O que dizem?

Inevera conteve uma resposta venenosa, sabendo que as suas palavras seguintes seriam cruciais. Decidiu que a verdade, a maior parte da verdade, pelo menos, seria uma resposta tão boa como qualquer outra para conter as conspirações de mentes ambiciosas.

– Não há nenhum vencedor – disse. – O duelo continua em baixo e só Everam sabe como terminará. Teremos de encontrá-los rapidamente.

Demoraram horas a descer a montanha. A escuridão não os abrandou. Todos os elementos daquele grupo de elite conseguiram ver com o brilho da magia, mas demónios da rocha erguiam-se no seu caminho, camuflando-se perfeitamente contra a encosta. Demónios do vento guinchavam no céu, voando em círculos.

Rojer ergueu o instrumento, fazendo soar as notas pesadas da *Canção da Lua Nova* e mantendo os alagai à distância. Amanvah cantou para o acompanhar e a música de ambos fortalecida pela magia dos hora ecoou pela noite. Mesmo com o vento desesperante que ameaçava vergar a palmeira no seu centro até partir, Inevera sentiu orgulho pelos talentos da filha.

Envolvidos pelas proteções da estranha magia do filho de Jesum, estavam protegidos dos alagai, mas avançavam lentamente. Os dedos de Inevera ansiavam por retirar do cinto a varinha de electrum, afastando os demónios do seu caminho enquanto corria para junto do seu marido, mas não desejava revelar o seu poder aos nortenhos e acabaria por atrair mais alagai dessa forma. Em vez disso, forçou-se a manter os passos contidos marcados por Rojer, mesmo enquanto Ahmann e o Par'chin sangravam provavelmente até à morte em algum vale esquecido.

Afastou esse pensamento. Ahmann era o escolhido de Everam. Deveria confiar que Everam concederia algum milagre ao Seu Shar'Dama Ka naquele momento de grande necessidade.

Estava vivo. Tinha de estar.

Leesha avançava em silêncio e nem Thamos se atreveu a perturbá-la. O conde podia partilhar a sua cama com frequência, mas não o

amava como amara Arlen... ou Ahmann. O seu coração dilacerara-se enquanto os via lutar.

Parecera-lhe que Arlen tivera todas as vantagens no início do duelo e, se tivesse de escolher, não teria desejado que fosse de outra forma. Mas a alma atormentada de Arlen encontrara uma espécie de paz nos dias anteriores e esperou que conseguisse forçar a submissão de Ahmann e terminar o confronto sem mortes.

Gritou quando Ahmann cravou a Lança de Kaji em Arlen. Talvez fosse a única arma no mundo capaz de o ferir. O rumo do duelo alterara-se nesse momento e, pela primeira vez, a raiva que sentira por Ahmann ameaçou transformar-se em ódio.

Mas, quando Arlen os lançou aos dois do alto do penhasco, recusando-se a perder, sentiu um aperto no estômago quando viu Ahmann desaparecer. A criança no seu ventre tinha menos de oito semanas de gestação, mas teria jurado que a sentira pontapear enquanto o seu pai caía para a escuridão.

Os poderes de Arlen tinham-se fortalecido mais ainda no ano que passara desde que o conhecera. Por vezes, parecia-lhe que não havia nada que não conseguisse fazer e até Leesha pensava se poderia ser o Libertador. Conseguiria tornar-se intangível e proteger-se do impacto. Ahmann não podia fazer o mesmo.

Mas até Arlen tinha os seus limites e Ahmann testara-os de formas que ninguém esperara. Leesha recordava vivamente a queda, meras semanas antes, que deixara Arlen destruído sobre o empedrado do Outeiro, com o crânio rachado como uma casca de ovo batida contra a mesa.

Renna não devia tê-los seguido. Sabia mais acerca dos planos de Arlen. Mais do que revelava.

Mudaram de direção muito antes de chegarem ao sopé da montanha, evitando o desfiladeiro vigiado por batedores dos dois exércitos. Talvez a guerra fosse inevitável, mas nenhum dos lados desejava que começasse naquela noite.

Os trilhos montanhosos serpenteavam. Em mais do que uma ocasião, Inevera precisou de consultar os dados para escolher o caminho, ajoelhando-se no chão para fazer o lançamento enquanto os restantes aguardavam pacientemente. Leesha ansiava por saber o que a mulher via no emaranhado de símbolos, mas sabia o suficiente para não duvidar do poder real das previsões.

O amanhecer aproximava-se quando encontraram o primeiro marcador de Shanjat. Inevera acelerou o passo e os outros acompanharam-na, avançando rapidamente pelo trilho enquanto o horizonte começava a tingir-se com uma coloração arroxeadada.

Não tinham sido vistos pelos Vigias posicionados no sopé da montanha, mas Ashia e Shanvah, as guarda-costas de Inevera, avançaram sem serem vistos pela encosta acima, juntando-se silenciosamente a eles. O príncipe hortelão olhou-os, abanando a cabeça em reprovação ao perceber que eram mulheres.

Alcançaram finalmente Renna e Shanjat. Olhavam-se os dois com cautela enquanto esperavam. Shanjat posicionou-se rapidamente ao lado de Inevera, batendo com o punho no peito e curvando a cabeça.

– Os rastros terminam aqui, Damajah.

Desmontaram e seguiram o guerreiro até um ponto a pouca distância onde existia uma depressão no terreno do tamanho de um homem, com a terra remexida e a pedra fraturada indicando um grande impacto. Havia salpicos de sangue no chão e também pegadas, sugerindo a continuação do confronto.

– Seguiste o rasto? – perguntou Inevera.

Shanjat acenou afirmativamente.

– Termina a pouca distância daqui. Entendi que seria melhor aguardar instruções antes de avançar demasiado.

– Renna? – perguntou Leesha.

A Jiwah Ka do Par'chin fitava a cratera ensanguentada com olhos vidrados e a sua aura poderosa era imperscrutável. Acenou com a cabeça num gesto automático.

– Vasculhamos a área há horas. É como se tivessem ganhado asas.

– Levados por um demónio do vento? – sugeriu Wonda.

Renna encolheu os ombros.

– Acho que será possível, mas custa-me a crer que tenha sido isso.

Inevera acenou afirmativamente.

– Nenhum demónio conseguiria tocar sem permissão o meu marido sagrado.

– E a lança? – perguntou Jayan. Inevera olhou-o tristemente. Não a surpreendia que o seu filho mais velho se preocupasse mais

com a arma sagrada do que com o seu próprio pai, mas entristecia-a mesmo assim. A some, pelo menos, conseguia ser cortês ao ponto de guardar para si tais pensamentos.

Shanjat abanou a cabeça.

– Não encontramos sinais da arma sagrada, Sharum Ka.

– Há sangue fresco – disse Inevera, olhando o horizonte. O Sol nasceria dali a minutos, mas talvez conseguisse uma última previsão. Enfiou a mão na sua bolsa de hora, segurando os dados com firmeza. As arestas cravaram-se de forma dolorosa na palma da mão enquanto se ajoelhava junto à cratera.

Normalmente, não se teria atrevido a expor os dados sensíveis até mesmo à luz débil que antecedia o amanhecer. A luz direta do Sol destruía os ossos dos demónios e até luz indireta poderia provocar danos permanentes. Mas o electrum com que os revestira protegia-os mesmo do sol mais intenso. Tal como a Lança de Kaji, o seu poder esgotava-se rapidamente sob a luz, mas poderiam ser recarregados quando a noite caísse.

A sua mão tremia quando a estendeu. Precisou de inspirar fundo durante um momento para encontrar o seu centro antes de conseguir continuar, tocando o sangue do seu marido pela segunda vez naquela noite e usando-o para ver o seu destino.

– Abençoado Everam, Criador de todas as coisas, concede-me o conhecimento dos combatentes, Ahmann asu Hoshkamin am’Jardir am’Kaji e Arlen asu Jeph am’Fardos am’Ribeiro. Imploro-Te. Revela-me o seu destino e os destinos que se seguirão.

Sentiu a palpitação do poder nos dedos e lançou, olhando atentamente o padrão.

Quando questionados acerca de coisas que tinham acontecido, os dados respondiam com certeza fria, ainda que enigmática. Mas o futuro estava em constante mudança. As suas areias deslocavam-se com cada escolha feita. Os dados facultavam pistas, como indicadores de direção no deserto, mas, quanto maior fosse a distância a que se olhasse, mais os caminhos divergiam, conduzindo quem os consultava a perder-se nas dunas.

O futuro de Ahmann estivera sempre repleto de divergências. Havia futuros em que transportava às costas o destino da humanidade e outros em que morria de forma vergonhosa. A morte nas garras de alagai era a mais comum, mas havia sempre facas nas

suas costas e lanças apontadas ao seu coração. Havia sempre quem estivesse disposto a dar a vida pela sua e quem esperasse por uma oportunidade para o traír.

Muitos desses caminhos estavam fechados naquele momento. Independentemente do que tivesse acontecido, Ahmann não regressaria em breve. Era provável que não regressasse de todo. Esse pensamento fez um temor frio instalar-se no estômago de Inevera.

Os outros sustiveram a respiração em uníssonos, esperando as suas palavras, e Inevera percebeu que o destino do seu povo dependia do que dissesse. Recordou as palavras proferidas pelos dados tantos anos antes:

O Libertador não nascerá. Será criado.

Se Ahmann não regressasse para ela, teria de criar um novo Libertador.

Contemplou a miríade de perdições que aguardava o seu amado e escolheu um dos destinos restantes. O único que lhe permitiria manter o poder até poder encontrar um herdeiro adequado.

– O Libertador está fora do nosso alcance – disse, por fim.
– Segue um demónio até ao abismo.

– Então o Par'chin é realmente um demónio – afirmou Ashan.

Os dados não tinham dito tal coisa, mas Inevera concordou com um aceno.

– Tudo indica que sim.

Gared cuspiu no chão.

– Disseste «Libertador» e não «Shar'Dama Ka».

O Damaji voltou-se para ele, olhando-o como um homem olharia um inseto, pensando se mereceria o esforço necessário para o esmagar.

– São a mesma pessoa.

Wonda cuspiu também.

– O Núcleo.

Jayan avançou, cerrando um punho como se pretendesse golpear-lá, mas Renna Curtidor interpôs-se. As guardas na sua pele iluminaram-se e o impulsivo primogénito de Inevera hesitou em desafiar-lá. Não seria aceitável ser vencido por uma mulher diante dos homens que precisava de convencer a aceitar o seu direito ao trono.

Jayan voltou-se para a sua mãe.

– E a lança? – perguntou.

– Perdida – respondeu Inevera. – Será novamente encontrada quando Everam o desejar e não antes.

– Então deveremos desistir? – perguntou Asume. – E abandonar o nosso pai ao seu destino?

– Claro que não. – Inevera voltou-se para Shanjat. – Encontra novamente o rasto e segue-o. Segue cada folha dobrada e cada pedra solta. Não voltes sem o Libertador ou sem informações fiáveis acerca do seu destino. Mesmo que demores mil anos.

– Sim, Damajah. – Shanjat bateu com o punho no peito.

Inevera voltou-se para Shanvah.

– Acompanha o teu pai. Obedece-lhe e protege-o nesta viagem. O seu propósito é também o teu.

A jovem baixou a cabeça em silêncio. Ashia apertou-lhe o ombro e os seus olhares cruzaram-se. A seguir, pai e filha partiram.

Leesha voltou-se para Wonda.

– Procura tu também. Mas volta dentro de uma hora.

Wonda sorriu, revelando uma confiança que enchia Inevera de inveja.

– Não pretendia seguir rastros até o cabelo me embranquecer. O Libertador vai e vem, mas voltará. Verás que sim. – No momento seguinte, também ela tinha partido.

– Também vou – disse Renna, mas Leesha segurou-a pelo braço.

A mulher fitou-a com desagrado. Leesha soltou-a imediatamente, mas não recuou.

– Fica mais um pouco. Por favor.

«Até os nortenhos receiam o Par'chin e esta mulher», notou Inevera, arquivando a informação enquanto as duas mulheres se afastavam para falar a sós.

– Ashan, acompanha-me – disse, olhando o Damaji. Afastaram-se os dois, deixando os outros espantados.

– Não acredito que se foi – disse Ashan, baixando a voz. Ahmann fora como um irmão durante mais de vinte anos. Fora o primeiro dama a apoiar a ascensão de Ahmann até se tornar Shar'Dama Ka e acreditava na sua divindade sem questionar. – Parece um sonho.

Inevera não perdeu tempo.

– Deverás sentar-te no Trono dos Crânios como Andrah. És o único capaz de o fazer sem desencadear uma guerra, mantendo-o até ao regresso do meu marido.

Ashan abanou a cabeça.
– Enganas-te se pensas isso, Damajah.
– Era o desejo do Shar’Dama Ka – recordou-lhe Inevera. – Juraste diante dele. E de mim.
– Jurei-o se percesse na batalha da Lua Nova à vista de todos – respondeu Ashan. – Não se fosse morto por um hortelão nalguma montanha esquecida. O trono deverá ser herdado por Jayan ou Asume.
– Ouviste da sua boca que os seus filhos não estão preparados para suportar esse fardo – disse Inevera. – Parece-te que isso pode ter mudado nas últimas duas semanas? Os meus filhos são astuciosos, mas ainda não são sábios. Os dados preveem que destruirão a Fortuna de Everam lutando pelo trono e, se um deles subir os degraus ensanguentados para se sentar, não voltará a erguer-se quando o seu pai regressar.
– Se regressar – corrigiu Ashan.
– Regressará – assegurou Inevera. – Provavelmente seguido pelo Núcleo inteiro. Quando o fizer, precisará que todos os exércitos de Ala respondam ao seu chamado e não terá tempo nem desejo de matar o seu filho para recuperar o poder.
– Não me agrada – disse Ashan. – Nunca cobicei o poder.
– É inevera – replicou ela. – O teu agrado é irrelevante e a humildade que demonstras perante Everam justifica a tua escolha.

– Despacha-te – disse Renna, enquanto Leesha a afastava dos outros.
– Já perdi tempo suficiente a esperar-vos. Arlen está algures por aí e preciso de o encontrar.

– Merda de demónio! – exclamou Leesha. – Não te conheço assim tão bem, Renna Fardos, mas o que conheço é suficiente para saber que não me terias esperado dez segundos se o teu marido continuasse desaparecido. Planeaste isto com Arlen. Para onde foi? Que fez a Ahmann?

– Chamas-me mentirosa? – rosou Renna. Franziu a testa, cerrando os punhos.

Por algum motivo, a bravata serviu apenas para deixar Leesha mais segura acerca do seu palpite. Duvidava que a mulher a golpeasse realmente, mas prendia entre os dedos uma pitada de pó cegante e usá-la-ia se fosse necessário.

– Por favor – disse, mantendo a voz calma. – Se sabes alguma coisa, diz-me. Juro pelo Criador que podes confiar em mim.

Renna pareceu acalmar-se um pouco depois de ouvir aquilo, descontraindo. A seguir, ergueu as mãos voltadas para cima.

– Revista-me os bolsos. Não encontrarás respostas.

– Renna – Leesha esforçava-se para manter a compostura. – Sei que não começámos bem. Tens poucos motivos para gostar de mim, mas isto não é um jogo. Colocas-nos a todos em risco se guardares segredo.

Renna riu-se ruidosamente.

– Diz o roto ao nu. – Espetou um dedo no peito de Leesha com força suficiente para a fazer recuar um passo. – És tu quem tem o bebé do demónio do deserto na barriga. Achas que isso não é arriscado?

Leesha sentiu a cara gelar, mas insistiu para que o seu silêncio não confirmasse a suposição. Reduziu a voz a um sussurro feroz.

– Quem te disse tal disparate?

– Foste tu – respondeu Renna. – Consigo ouvir uma borboleta a bater as asas do outro lado de um milheiral. Arlen também. Ouvimos os dois o que disseste a Jardim. Trazes o filho dele no ventre e preparas-te para atirar as culpas para cima do conde.

Era verdade. Um ardil ridículo da sua mãe, que Leesha concretizara tolamente. Era pouco provável que o engano resistisse ao nascimento da criança, mas isso dava-lhe sete meses para se preparar (ou para fugir, escondendo-se), antes que os krasianos viessem reclamar a criança.

– Mais um motivo para saber o que aconteceu a Ahmann – disse Leesha, odiando o tom de súplica na sua voz.

– Não faço ideia – retorquiu Renna. – Desperdiço tempo que devia aproveitar para o procurar.

Leesha acenou afirmativamente, reconhecendo a derrota.

– Não contes a Thamos, por favor – pediu. – Contar-lhe-ei a seu tempo, prometo. Mas não agora, com meio exército krasiano a poucos quilómetros de distância.

Renna fungou.

– Não sou parva. Como acabou grávida uma Herbanária? Até uma Curtidor ignorante sabe quando deve tirá-lo para fora.

Leesha baixou os olhos, incapaz de suportar o olhar intenso de Renna.

– Fiz-me a mesma pergunta. – Encolheu os ombros. – A história está cheia de gente que devia dar ouvidos aos conselhos dos pais.

– Não te perguntei pela história – disse Renna. – Perguntei-te porque tem miolos de madeira a mulher mais esperta do Outeiro. Nunca ninguém te contou como se fazem os bebés?

Ouvir aquilo fez Leesha mostrar-lhe os dentes. Tinha razão, mas não tinha o direito de a julgar.

– Se não me contas os teus segredos, não tenho motivo nenhum para partilhar os meus contigo. – Indicou o vale com uma mão.

– Vai. Finge que procuras Arlen até nos irmos embora. Depois, vai ter com ele. Não te impeço.

Renna sorriu.

– Como se conseguisses. – E desapareceu, demasiado rápida para acompanhar com o olhar.

Porque deixei que me afetasse?, pensou Leesha. Mas levou os dedos ao ventre e soube porquê.

Porque tinha razão.

Leesha estava embriagada com couzi da primeira vez que beijara Ahmann. Não planeara deitar-se com ele nessa primeira tarde, mas também não lhe resistiu quando avançou sobre ela. Supusera de forma tonta que não terminaria dentro do seu corpo antes do casamento, mas os krasianos consideravam pecaminoso que um homem desperdiçasse a sua semente. Sentira-o acelerar o ritmo, começando a gemer, e podia tê-lo afastado. Mas parte dela desejava aquilo. Desejava sentir um homem estremecer dentro dela e nucleado fosse o risco. Fora uma emoção cavalgada até ao limite.

Pretendera ferver chá de pómulo nessa noite, mas, em vez disso, foi raptada pelos Vigias de Inevera, terminando a noite a enfrentar um demónio da mente ao lado da Damajah. Bebeu uma dose dupla no dia seguinte e após todas as ocasiões seguintes em que se deitaram juntos, mas, como dizia Bruna, a sua mentora: «Por vezes, um rebento forte encontra forma de nascer por mais que se tente evitá-lo.»

Inevera olhou Thamos, o príncipe hortelão, vendo-o diante de Asha. Era um homem grande, alto e musculado mas não inteiramente desprovido de graciosidade. Movia-se como um guerreiro.

– Espero que ordenes aos teus homens que passem o vale a pente fino – disse.

Ashan acenou afirmativamente.

– E tu aos teus?

Thamos retribuiu com um aceno idêntico.

– Cem homens de cada lado?

– Quinhentos – retorquiu Ashan. – Com a trégua dos Domin Sharum regendo-os. – Inevera viu o príncipe firmar o maxilar. Quinhentos homens não significavam nada para os krasianos. Eram uma fração ínfima do exército do Libertador. Mas Thamos não desejava dispensar um número tão elevado.

Mesmo assim, o príncipe não tinha escolha que não fosse concordar e assim fez.

– Como sei que os teus guerreiros respeitarão a trégua? A última coisa de que precisamos é que este vale se transforme num campo de batalha.

– Os meus guerreiros manterão os véus erguidos, mesmo durante o dia – disse Ashan. – Não se atreveriam a desobedecer. São os teus homens que me motivam preocupação. Não me agradaria vê-los feridos na sequência de um mal-entendido.

O comentário irritou o príncipe.

– Parece-me que haveria ferimentos suficientes para os dois lados. Como consegue um pano sobre a cara garantir a paz? Um homem de cara tapada não teme represálias.

Ashan abanou a cabeça.

– É surpreendente que selvagens como vocês tenham sobrevivido à noite durante tanto tempo. Os homens recordam as caras daqueles que lhes fizeram mal e essas inimizades são difíceis de pôr de parte. Usamos véus na noite para que todos possamos lutar como irmãos, esquecendo vinganças pessoais. Se os teus homens cobrirem a cara, não haverá mais sangue derramado neste vale amaldiçoado por Everam.

– Ótimo – disse o príncipe. – De acordo. – Curvou-se numa vénia breve, mal demonstrando o respeito adequado a um homem que era uma dúzia de vezes seu superior e afastando-se em seguida. Os outros hortelões seguiram-no.

– Os nortenhos pagarão pelo seu desrespeito – afirmou Jayan.

– Talvez – disse Inevera. – Mas não hoje. Deveremos regressar à Fortuna de Everam sem perder tempo.



UM

A CAÇADA

333 AR Outono

Jardir acordou quando o Sol se punha, sentindo a mente turva como névoa densa. Estava deitado numa cama nortenha sobre uma grande almofada em vez de várias. O lençol era áspero, não se assemelhando nada à seda a que se acostumara. O quarto era circular, com janelas de vidro guardado em redor. Uma torre de algum tipo. Terra selvagem alongava-se pelo ocaso, mas não a reconheceu.

Onde estou?

Sentiu dor quando se moveu, mas a dor era uma velha companheira, acolhida e esquecida. Sentou-se, com pernas rígidas raspando uma contra a outra. Afastou o cobertor. Viu gesso das coxas até aos pés. Os dedos dos pés, inchados e tingidos de vermelho, roxo e amarelo, espreitavam no extremo oposto, simultaneamente próximos e completamente fora do seu alcance. Tentou fleti-los, ignorando a dor, e agradou-lhe ver o movimento ligeiro que premiou o seu esforço.

Recordou-lhe o braço que partira em criança e a forma como se sentira indefeso durante as semanas da recuperação.

Estendeu imediatamente a mão para a coroa na mesa de cabeceira. Mesmo durante o dia, continha magia suficiente para sarar alguns ossos partidos, sobretudo ossos que já tinham sido colocados no sítio.

A sua mão fechou-se sobre o vazio. Virou-se e olhou durante um longo momento até perceber o que via. Há anos que tinha sempre ao alcance da mão a sua coroa e a lança. Naquele momento, não havia sinal de uma ou da outra.

As memórias abateram-se sobre ele. O confronto no topo da montanha com o Par'chin. A forma como o filho de Jeph se transformara numa nuvem de fumo quando Jardir golpeou, voltando a solidificar-se no instante seguinte, segurando a haste da lança com força sobre-humana e torcendo-a para fora do seu alcance.

A seguir, o Par'chin virou-se e atirou-a ao abismo como se não passasse de uma casca de melão roída.

Humedeceu os lábios gretados. Tinha a boca seca e a bexiga cheia, mas essas duas necessidades haviam sido previstas. A água junto à cama era doce e, com algum esforço, conseguiu usar o penico que os seus dedos encontraram no chão por baixo da cama.

Tinha o peito firmemente enfaixado e as costelas protestavam quando se movia. Sobre as ligaduras, vestia um roupão fino. Notou que era castanho. Talvez fosse uma piada do Par'chin.

Não havia porta, apenas uma escada para o quarto. Na sua condição presente, os degraus seriam tão eficazes como as grades de uma prisão. Não havia outras saídas e os degraus não continuavam para cima. Estava no topo da torre. O mobiliário do quarto era escasso. Uma pequena mesa junto à cama. Uma única cadeira.

Ouviu um som vindo das escadas e imobilizou-se, escutando. Podia ter sido despojado da sua coroa e da sua lança, mas anos a absorver magia através delas tinham transformado o seu corpo, aproximando-o tanto da imagem de Everam quanto um mortal poderia ambicionar. Tinha olhos de falcão, nariz de lobo e ouvidos de morcego.

– De certeza que consegues lidar com ele? – perguntou a Primeira Esposa do Par'chin. – Pareceu-me que te matava naquele penhasco.

– Não te preocupes, Ren – respondeu o Par'chin. – Não conseguirá ferir-me sem a lança.

Veremos, Par'chin.

Ouviu lábios estalarem enquanto o filho de Jeph silenciava os protestos restantes da sua jiwah com um beijo.

– Preciso que voltes ao Outeiro para controlar as coisas. E depressa. Antes que comecem a desconfiar.

– Leesha Papel já desconfia – disse Renna. – E os seus palpites não andam longe da verdade.

– Não importa. Desde que continuem a ser palpites – referiu o Par’chin. – Continua a fingir que não sabes nada, independentemente do que fizer ou disser.

Renna tentou conter a gargalhada, mas não conseguiu por completo.

– Não será um problema. Será tão fácil como dar-lhe vontade de me cuspir em cima.

– Não percas demasiado tempo com isso – aconselhou o Par’chin. – Preciso que protejas o Outeiro, mas mantém-te discreta. Fortalece as gentes, mas deixa que sejam os outeiros a carregar o peso da tarefa. Irei até lá quando puder, mas só para te ver. Mais ninguém pode saber que estou vivo.

– Não me agrada – disse Renna. – Marido e mulher não deviam estar separados assim.

O Par’chin suspirou.

– Tem de ser, Ren. Aposto tudo nesta jogada. Não posso perder. Estaremos juntos em breve.

– Sim – disse Renna. – Amo-te, Arlen Fardos.

– Amo-te, Renna Fardos – retorquiu o Par’chin. Voltaram a beijar-se e Jardir ouviu os passos rápidos da mulher, descendo a torre. O Par’chin, por seu lado, começou a subir.

Por um momento, Jardir pensou em fingir que dormia. Talvez conseguisse descobrir alguma coisa e beneficiar da vantagem da surpresa.

Abanou a cabeça. *Sou o Shar’Dama Ka. É indigno de mim fingir. Receberei o Par’chin de olhos abertos e verei o que resta do homem que conheci.*

Ergueu-se, acolhendo o rugido de dor nas pernas. A sua expressão estava serena quando o Par’chin entrou. Vestia roupa comum, tal como quando se conheceram. Uma camisa de algodão amarelado e calças de ganga gasta com uma sacola de Mensageiro em couro pendurada de um ombro. Estava descalço, com as pernas das calças e as mangas enroladas, expondo as guardas que tatuara na pele. O cabelo cor de areia tinha sido rapado e a face que Jardir recordava mal se via por baixo das marcas.

Mesmo sem a coroa, Jardir conseguia sentir o poder desses símbolos, mas a força tinha um preço elevado. O Par’chin parecia-se

mais com uma página de um dos livros sagrados de guardas do que com um homem.

– Que fizeste a ti mesmo, velho amigo? – Não pretendia dizer as palavras em voz alta, mas algo o forçara.

– É um grande descaramento tratares-me assim depois do que fizeste – disse o Par'chin. – Não fiz isto a mim mesmo. Foste tu.

– Eu? – perguntou Jardir. – Peguei em tinta e profanei com ela o teu corpo?

O Par'chin abanou a cabeça.

– Abandonaste-me no deserto para que morresse, sem arma nem abrigo e soube que não deixaria que os alagai me levassem. O meu corpo era a única coisa que me restava para guardar.

Com aquelas palavras, as perguntas que Jardir tivesse acerca da sobrevivência do Par'chin foram respondidas. Viu na sua mente o amigo sozinho no deserto, sedento e ensanguentado enquanto matava alagai com as mãos nuas.

Era glorioso.

O Evejah proibia as tatuagens, mas proibia também muitas coisas que Jardir autorizara para bem da Sharak Ka. Quis condenar o Par'chin, mas sentia um aperto na garganta depois de ouvir as suas palavras.

Estremeceu quando um arrepio de dúvida abalou o seu centro. Tudo o que acontecia era desejado por Everam. Era inevera que o Par'chin tivesse sobrevivido para voltar a encontrá-lo. Os dados tinham dito que qualquer um deles poderia ser o Libertador. Jardir dedicara a vida a ser digno do título. Orgulhava-se dos seus feitos, mas não podia negar que o seu ajin'pal, o bravo estrangeiro, poderia ser merecedor de honra mais elevada aos olhos de Everam.

– Arriskas-te em jogos que não compreendes, Par'chin – disse. – O Domin Sharum é uma luta até à morte e a vitória foi tua. Porque não a aceitaste, ocupando o teu lugar como líder da Primeira Guerra?

O Par'chin suspirou.

– A tua morte não seria para mim uma vitória, Ahmann.

– Então admites que sou o Libertador? – perguntou Jardir. – Se assim é, devolve-me a lança e a coroa que me pertencem, curva-te diante de mim e tudo será perdoado. Poderemos enfrentar Nie lado a lado.

O Par'chin roncou de desprezo. Pousou a sacola sobre a mesa e procurou algo no interior. A Coroa de Kaji reluzia mesmo na escuridão crescente, com as suas nove joias brilhando. Jardir não conseguia negar o desejo que se agitava dentro dele. Se conseguisse usar as pernas e erguer-se, ter-se-ia lançado para ela.

– A coroa está aqui. – O Par'chin girou o diadema pontiagudo num dedo como um arco de criança. – Mas a lança não te pertence. A não ser que decida oferecer-ta. Está escondida onde nunca conseguirias chegar-lhe mesmo que as tuas pernas não estivessem engessadas.

– Os objetos sagrados devem estar juntos – afirmou Jardir.

O Par'chin suspirou.

– Nada é sagrado, Ahmann. Já te disse antes que o Paraíso não existe. Ameaçaste matar-me pelas palavras, mas isso não lhes retira verdade.

Jardir abriu a boca para responder, com palavras furiosas formando-se nos seus lábios, mas o Par'chin antecipou-se, parando de girar a coroa com uma mão firme e erguendo-a. Enquanto o fazia, as guardas na sua pele iluminaram-se brevemente e as da coroa começaram a brilhar.

– Isto – disse o Par'chin, referindo-se à coroa – é um aro fino de crânio de demónio da mente, com nove chifres. Tudo coberto por uma liga guardada de prata e ouro, usando as joias para dar foco ao poder. É uma obra-prima de Guardador e nada mais. – Sorriu. – Tal como era o teu brinco.

Jardir sobressaltou-se, levando a mão ao lóbulo despido outrora coberto pela sua aliança de casamento.

– Pretendes roubar a minha Primeira Esposa além do meu trono?

O Par'chin riu-se. Era uma gargalhada genuína como não ouvia em anos. Um som de que não poderia negar ter sentido a falta.

– Não sei qual seria o fardo mais pesado – disse o Par'chin. – Não desejo nenhum dos dois. Tenho esposa e, entre o meu povo, uma é mais do que suficiente.

Jardir sentiu um sorriso formar-se nos lábios e permitiu que se tornasse visível.

– Uma Jiwah Ka será simultaneamente apoio e fardo, Par'chin. Desafiam-nos a sermos homens melhores num esforço constante.

O Par'chin acenou afirmativamente.

- É verdade.
- Então porque me roubaste o brinco? – perguntou Jardim.
- Guardo-o enquanto fores meu hóspede – respondeu o Par’chin.
- Não posso permitir que peças ajuda.

– Hã? – disse Jardim.

O Par’chin inclinou-lhe a cabeça e Jardim sentiu a profundidade do olhar do filho de Jeph alcançando-lhe a alma, tal como Jardim fazia quando podia usar o dom da visão da coroa. Como conseguia fazê-lo sem a coroa posta?

– Não sabes – disse o Par’chin após um momento. Riu-se. – Dás-me conselhos matrimoniais quando a tua mulher te espia!

O tom de troça enfureceu Jardim e franziu a testa apesar de desejar manter uma aparência de calma.

– Que significa isso?

O Par’chin levou a mão ao bolso, retirando o brinco. Era um simples aro de ouro com uma delicada bola guardada pendente.

– Há um fragmento de osso de demónio aqui dentro. A metade correspondente pende da orelha da tua mulher. Permite-lhe que ouça tudo o que ouvires.

De repente, muitos mistérios tornaram-se claros para Jardim. A forma como a sua mulher parecia conhecer todos os seus planos e segredos. Grande parte da sua informação vinha dos dados, mas os alagai hora comunicavam através de enigmas com grande frequência. Devia ter esperado que a astuciosa Inevera não dependesse unicamente dos seus lançamentos.

– Então sabe que me raptaste? – perguntou Jardim.

O Par’chin abanou a cabeça.

– Bloqueei-lhe o poder. Não conseguirá encontrar-te antes de terminarmos.

Jardim cruzou os braços.

– Antes de terminarmos o quê? Não me seguirás e não te seguirei. Encontramo-nos no mesmo impasse em que nos encontrávamos há cinco anos no Labirinto.

O Par’chin acenou com a cabeça.

– Não conseguiste matar-me então e isso forçou-me a mudar a forma como vejo o mundo. Ofereço-te o mesmo. – Com aquilo, atirou a coroa.

Jardim apanhou-a por instinto.

– Porque ma devolves? Isto não sarará os meus ferimentos? Poderá ser difícil prender-me sem eles.

O Par'chin encolheu os ombros.

– Não me parece que partas sem a lança, mas, de qualquer forma, drenei a coroa. Não há muita magia que consiga erguer-se do Núcleo até esta altura – indicou com a mão as janelas que rodeavam o quarto. – E o sol limpa o quarto todas as manhãs. Dar-te-á a visão da coroa, mas não muito mais até ser recarregada.

– Então porque ma devolves? – voltou a perguntar Jardir.

– Pensei que pudéssemos conversar – disse o Par'chin. – E quero que vejas a minha aura enquanto conversarmos. Quero que vejas a verdade das minhas palavras, a força das minhas convicções gravada na minha alma. Talvez consigas compreender depois disso.

– Talvez consiga compreender o quê? – perguntou Jardir. – Que o Paraíso é uma mentira? Nada que esteja na tua alma conseguirá convencer-me, Par'chin. – Mesmo assim, colocou a coroa na cabeça. Imediatamente, o quarto sombrio ganhou vida através da visão da coroa e Jardir suspirou de alívio como o cego do Evejah a quem Kaji devolveu a visão.

Pelas janelas, a terra que, no momento anterior, continha apenas sombras e formas vagas tornou-se perfeitamente definida, iluminada por magia que se erguia de Ala. Todas as criaturas vivas albergavam uma centelha de poder no seu núcleo e Jardir conseguia ver o poder iluminando os troncos das árvores, o musgo que as cobria e todos os animais que viviam nos seus ramos e por baixo da casca que revestia os troncos. Fluía através da erva nas planícies e, sobretudo, nos demónios que calcorreavam a terra e dançavam sobre os ventos. Os alagai brilhavam como feixes luminosos, despertando dentro dele um desejo primordial de caçar e matar.

Tal como o Par'chin dissera, a sua cela estava menos iluminada. Pequenos filamentos de poder subiam pelas paredes da torre, atraídos pelas guardas que decoravam as janelas de vidro. Ganharam vida como um escudo contra os alagai.

Mas, mesmo que o quarto permanecesse sombrio, o Par'chin brilhava mais intensamente que um demónio. Era tão brilhante que deveria ser difícil olhá-lo. Mas não era. Pelo contrário, a magia era gloriosa de contemplar, rica e tentadora. Jardir abriu-se à coroa, tentando canalizar para si uma fração. Não de uma forma que

permitisse que o Par'chin percebesse, mas talvez o suficiente para acelerar a sua recuperação. Uma centelha de poder serpenteou pelo ar em direção a ele, fazendo lembrar fumo de incenso.

O Par'chin tinha rapado as sobrancelhas, mas as guardas sobre o olho esquerdo ergueram-se numa expressão inconfundível. A sua aura alterou-se, revelando mais diversão que insulto.

– Ah. Procura a tua própria magia.

De forma abrupta, a magia inverteu o fluxo e foi canalizada em sentido inverso.

Jardir manteve a expressão calma, mesmo duvidando que fizesse alguma diferença. O Par'chin estava certo. Conseguia ler-lhe a aura, vendo todos os seus sentimentos. Sem dúvida, o seu velho amigo conseguiria fazer o mesmo. O Par'chin permanecia calmo, focado e sem desejar mal a Jardir. Não havia nele qualquer engano. Apenas fadiga e receio de que Jardir fosse demasiado rígido para ponderar devidamente as suas palavras.

– Diz-me outra vez porque estou aqui, Par'chin – pediu Jardir.
– Se o teu objetivo é realmente, como sempre disseste, libertar o mundo dos alagai, porque te opões a mim? Estou próximo de concretizar o teu sonho.

– Não tão próximo como julgas – disse o Par'chin. – E a forma como o fazes enoja-me. Asfixias e ameaças a humanidade para conseguir a sua salvação, sem te preocupares com o preço a pagar. Sei que os krasianos gostam de se vestir de preto e branco, mas o mundo não é assim tão simples. Há cor e mais do que uma tonalidade de cinzento.

– Não sou um tolo, Par'chin – disse Jardir.

– Por vezes, fazes-me duvidar – afirmou o Par'chin com concordância da sua aura. Percebia com amargura que o seu velho amigo, a quem ensinara tanto e que sempre respeitara, o tinha em muito baixa estima.

– Então porque não me mataste, apossando-te da lança e da coroa? – perguntou Jardir. – As testemunhas teriam de vergar à honra as suas vontades. O meu povo aceitar-te-ia como Libertador e ter-te-ia seguido para a Sharak Ka.

A irritação alastrou pela aura serena do Par'chin.

– Continuas sem compreender – ripostou. – Não sou o maldito Libertador! Nem tu! O Libertador é a humanidade unida e não